

Título

Pilotos cyborgs e o acidente da TAM

Autor

André Sathler Guimarães

Local de publicação

Não publicado

Pilotos cyborgs e o acidente da TAM

Nos extremos, os opostos se confundem. Até o presente, muito do debate sobre mentes e máquinas se configura como uma disputa territorialista, com a primeira cedendo espaço diante dos avanços das últimas. No campo da filosofia da mente e da inteligência artificial, contudo, há um espaço para uma interpenetração profunda e fecundante entre ambos os pólos. Cada passo do artificial explode as possibilidades do natural, dando origem a um novo real, que se organiza a partir dos fragmentos daquela explosão.

Um piloto em uma cabine de avião moderna é um excelente exemplo de cyborg, um ser parte orgânico, parte artificial. Há duas formas de se entender um artefato – os pontos de vista pessoal (o impacto que o artefato causa no indivíduo) e sistêmico (em que medida o conjunto artefato + indivíduo é diferente do que cada elemento considerado isoladamente). Se considerarmos a questão por um ponto de vista pessoal, os artefatos não nos fazem mais espertos, simplesmente alteram a tarefa a ser realizada. Essa é a opção dos que insistem em dizer que os computadores são apenas máquinas que somente fazem o que foram programadas para fazer. Do ponto de vista sistêmico, o conjunto “pessoa + artefato” tem propriedades emergentes, que superam a soma das propriedades específicas de cada elemento.

O ser humano beneficiário desse processo não é simplesmente mais inteligente, mas sim capaz de apresentar mais formas de comportamento inteligente do que seria o caso em suas condições naturais. É um ser parabiótico, um sistema de pensamento e raciocínio cuja mente está espalhada em componentes orgânico-cerebrais e circuitos de silício. È genuinamente um *cyborg*, em um senso muito mais profundo do que o

atribuído comumente pelo imaginário popular – uma combinação superficial de carne e fios.

Nossos cérebros e mentes participam em algumas interações recursivas com o ecossistema cognitivo no qual estão imersos, transformando-se ao longo do processo. Nosso senso de nós mesmos é incrivelmente plástico, transcendendo quaisquer concepções rígidas e determinísticas quanto às fronteiras da individualidade, de forma a abranger a rede de tecnologia e dispositivos cognitivos que por acaso habitamos. O corpo protético do *cyborg* apaga as fronteiras e desmancha as coerências que até o presente se apresentaram a nosso agir cotidiano como transcendentalmente necessárias.

Com as novas tecnologias, e notadamente com os computadores digitais, funcionam os mecanismos de expropriação/reapropriação do objeto técnico. Quando o corpo é integrado a um circuito cibernético, qualquer modificação do circuito significará uma mudança na consciência. Quando cria um artefato, o homem o insere em seu próprio pensamento. Como objeto, portanto exterior ao sujeito que o utiliza, o artefato passa a elaborar tecnicamente a tarefa que o pensamento não mais necessita fazer, desde quando descobriu a forma de delegá-la. O artefato sintetiza uma combinação de idéias representativas de dados reais, articuladas em um projeto possível de ser objetivado, visando a solucionar algum aspecto antagônico surgido na relação entre o homem e seu ambiente natural. Foi justamente quando começou a discernir a possibilidade de utilizar objetos do mundo físico para obter efeitos úteis, que o homem suplantou o emprego exclusivo dos seus membros para a consecução de suas atividades de sobrevivência.

Pode-se dizer que o artefato encontra aí o seu valor como elemento constituinte da subjetividade, pois quem o utiliza o incorpora ao seu ser e, doravante, conta com ele como uma parte de seu organismo. É como se o ser humano instalasse parte de seu cérebro fora de seu corpo e fizesse dessa emanção um objeto de observação e de

ensaio, planejados e interpretados pelo tecido cerebral ainda dentro do corpo, do qual a parte exteriorizada nunca se desprende.

Há um intercâmbio de informações entre os artefatos e seus produtores, na forma dos resultados alcançados com a utilização dos mesmos (*feedback*). Não fosse assim, o homem restaria impossibilitado de criar instrumentos com os quais pudesse trabalhar, pois não seria capaz de estabelecer uma relação interpretativa que atribuísse significado aos efeitos produzidos pelos artefatos. A exterioridade técnica só é eficaz quando novamente internalizada, em um movimento de expropriação/reapropriação. Quem utiliza um artefato modifica seus músculos e seu sistema nervoso, de modo a integrar o instrumento utilizado em uma espécie de “corpo ampliado, modificado, virtualizado”, nos dizeres de Pierre Levy.

O uso efetivo de um artefato envolve uma paradoxal invisibilidade associada à uma disponibilidade à observação e reflexão consciente. A habilidade de se usar um martelo, idealmente, leva o sujeito a desprezar a existência do martelo como objeto independente, durante a ação. Finda a performance, o martelo permanece como objeto passível de ser perscrutado, inquirido, aperfeiçoado. Esse processo contínuo de engajamento, separação e re-engajamento é uma premissa inerente ao uso efetivo de ferramentas.

No caso do acidente da TAM, pelos dados inicialmente apresentados, o fato do reverso não estar funcionando, embora possa ser considerado algo dentro dos padrões operacionais seguros, traz uma transformação significativa no comportamento do artefato utilizado, afetando a capacidade reativa e decisória do piloto, como um elemento do sistema. Todos nós, quando aprendemos a dirigir um carro, experimentamos a gradativa automatização das decisões inerentes ao ato de dirigir (trocar de marcha, debrear, acelerar). Por vezes, quando trocamos de veículo, nos

lembramos conscientemente dessas decisões, quando, por exemplo, temos dificuldades em acertar a marcha no carro novo.

O fato dos manetes terem ficado em posição incorreta, agravado por sua suposta repetição em eventos anteriores, demonstra que a falha no reverso causa uma perda de invisibilidade do artefato para o piloto, nos termos acima discutidos, fazendo com que a suas decisões inconscientes tenham que saltar para o plano consciente e deliberado. Muitas vezes, isso acontece (o próprio avião acidentado já havia feito diversos pousos com o reverso pinado). Outras, contudo, a falha no artefato gera uma crise no sistema e o sinônimo é acidente. Ao piloto, meus respeitos.